

falar claro

Pedro Sousa Tavares
jornalista

Educação. Analisando 'de fora' o conflito nas escolas sobre as avaliações, o representante do ensino privado, João Alvarenga, defende a necessidade de se encontrarem soluções em vez de vencedores neste braço-de-ferro. Aos professores, lembra que são exemplos para os seus alunos

“Instabilidade nas escolas afecta imagem do sistema”

O Ministério da Educação já deu por encerrado o dossiê da avaliação dos professores neste ano lectivo. Mas os sindicatos (e muitos professores nas escolas) parecem dispostos a continuar a luta. Em conversa com o DN, João Alvarenga, presidente da Associação dos Estabelecimentos do Ensino Privado (AEEP), deixa um olhar “de fora” sobre este conflito, as suas causas e consequências, e o que pode ainda ser feito para lhe pôr termo.



Esta página foi elaborada com base na análise de João Alvarenga
PRESIDENTE DA AEEP

A instabilidade entre professores e Ministério vista pelos privados...

“Tenho acompanhado com muita preocupação e alguma tristeza”, confessa o presidente da AEEP. Para João Alvarenga, “a instabilidade nas escolas projecta-se em todo o sistema educativo”. Se “as duas partes parecem concordar que a avaliação é necessária, o que é positivo, seria muito bom para todos que a situação se resolvesse”.

prós

Desejo comum de avançar com avaliação

>>> Para João Alvarenga, o facto de tanto o Ministério como os sindicatos serem favoráveis à existência de um modelo de avaliação é um aspecto positivo, que deveria permitir chegar-se a uma base de entendimento entre as partes.

>>> Do ponto de vista do presidente da AEEP, o Ministério da Educação parece ter revelado disponibilidade para corrigir erros e procurar uma solução, ao introduzir diversas alterações ao modelo de avaliação que aprovou. Falta, do seu ponto de vista, igual comprometimento do outro lado, que tem insistido na suspensão do modelo deste ano lectivo, criando-se uma solução temporária.

contras

Consequências negativas da instabilidade

>>> O líder da AEEP considera que as partes devem concentrar-se mais em procurar soluções para o conflito do que continuarem a medir forças para ver quem hasteia a “bandeira da vitória” no final, até porque esse caminho será sempre prejudicial para as escolas, independentemente do resultado final.

>>> Os professores têm direito a manifestar a sua indignação, mas não se podem esquecer que “têm uma responsabilidade perante os educadores e mestres” como educadores e mestres. Pôr em causa princípios como “o respeito pelas hierarquias e pela legitimidade das decisões de quem governa” não é dar bons exemplos, diz.

Privados fora da guerra...

Apesar de não lhes ser indiferente, os privados, garante Alvarenga, mantêm-se à margem do conflito: “O ensino particular e cooperativo está calmamente a fazer o seu trabalho. Os colégios mantêm um relacionamento normal com os seus professores.”

Quem hasteia a “bandeira da vitória” é o “menos importante”

Para João Alvarenga, é, no entanto, tempo de “todas as partes” envolvidas no conflito pro-



Presidente da AEEP lembra professores do seu papel de exemplo para os alunos

curarem chegar a um consenso. “Parece-me que esta situação já não diz apenas respeito às avaliações. Há hoje um extremar de posições que não é benéfico para ninguém e que é muito prejudicial para as escolas”, avisa. “Não interessa quem, no fim, hasteia a bandeira da vitória. E, nesse capítulo, considera, “o Ministério da Educação já deu alguns sinais de querer resolver a situação”, que deveriam ter outra correspondência da parte dos professores: “Os agentes educativos têm uma responsabilidade como educadores e mestres e não podem deixar que a sua indignação, que terá certamente as suas razões, se reflita em exemplos menos bons para os seus alunos. É preciso dar o exemplo de respeito pelas hierarquias e pela legitimidade das decisões de quem governa.”

A experiência da avaliação nos privados: a importância de experimentar de forma faseada

No ensino privado está em vigor há vários anos um modelo de avaliação, “pacíficamente” negociado com os sindicatos, assente na auto-ava-

liação do professor sob a supervisão próxima de um superior hierárquico. Poderia esta ser a solução para o sector público? O presidente da AEEP não considera as situações comparáveis: “Não me parece que o modelo do ensino privado pudesse ser aplicado à rede estatal”, diz. No entanto, admite que o facto de, nos privados, a implementação ter passado por um projecto-piloto em algumas escolas e estar “ainda a decorrer de forma faseada”, poderia ter servido de exemplo: “Sem dúvida que essa solução foi a melhor para nós”, diz.

O peso da máquina do Estado

João Alvarenga não comenta as acusações de excessiva burocracia apontadas ao modelo do Ministério, mas considera que “o peso da máquina ministerial, com 80% das escolas, dos professores e dos estudantes” é uma das explicações para estes conflitos. E retoma uma das causas da AEEP: “O Estado deveria dar a todos os estudantes as condições para estudarem gratuitamente onde preferirem. No ensino público ou no privado.”

A CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA E A EGEAC APRESENTAM
NATAL EM LISBOA
CONCERTOS EM IGREJAS
HOJE, 21H30 IGREJA N. SRA. DO LORETO
ORQUESTRA METROPOLITANA DE LISBOA
AMANHÃ, 18H00 IGREJA DA GRAÇA
ORQUESTRA FILARMÓNICA DAS BEIRAS, CORO REGINA COELI, CORO DE CÂMARA DA ESCOLA SUPERIOR DE MÚSICA DE LISBOA,
CORO DO RISE, PÍAGET E SOLISTAS

ENTRADA LIVRE

WWW.CAMARA.LISBOA.PT / WWW.EGEAC.PT / WWW.FILARMONICA.LISBOA.PT / WWW.REGINA.COELI.PT / WWW.RISE.LISBOA.PT

ORGANIZAÇÃO:

Câmara Municipal
lisboa

ec

EGEAC, EM
WWW.EGEAC.PT

MEDIA PARTNERS:

TV

rádio

Diário de Notícias

Diário de Notícias

Diário de Notícias

Diário de Notícias